

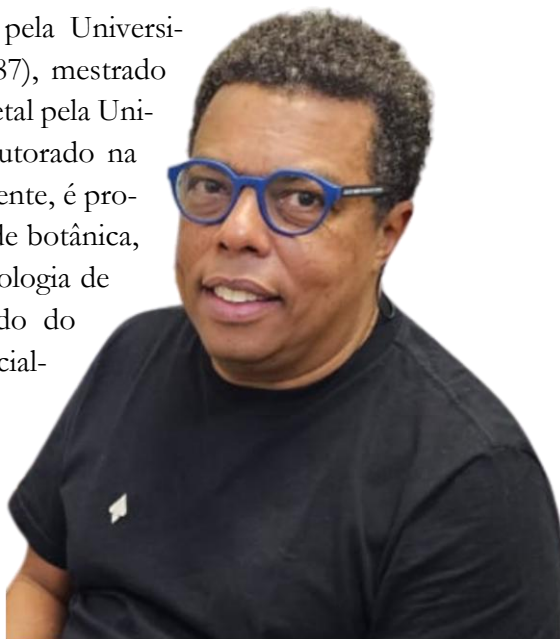
Entrevista

Dr. Geraldo Alves Damasceno Júnior

Graduado em Ciências Biológicas pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (1987), mestrado (1997) e doutorado (2005) em Biologia Vegetal pela Universidade Estadual de Campinas e pós-doutorado na Universidade de Hamburgo (2014). Atualmente, é professor da UFMS. Tem experiência na área de botânica, com ênfase em fitogeografia, florística e ecologia de comunidades vegetais. Dedicou-se ao estudo do fogo na vegetação de áreas úmidas, especialmente no Pantanal.

Áreas de Atuação: Ecologia, conservação e uso dos recursos vegetais

Linhas de Pesquisa: Fitogeografia; Florística e Fitossociologia; Ecologia do fogo em áreas inundáveis.



1. Como o senhor avalia a situação atual das queimadas em Mato Grosso do Sul? Há sinais de agravamento ou de maior controle?

As queimadas em Mato Grosso do Sul, considerando como marco o ano de 2019, quando começou uma grande seca, mostram que esses eventos mais catastróficos diminuíram bastante. Mesmo em 2024, que foi o ano mais seco de todo o registro histórico do Pantanal, nos últimos 125 anos, percebe-se que o número de eventos de fogo e a quantidade de área queimada diminuíram significativamente.

Houve campanhas bastante importantes, tanto do governo do Estado quanto do governo federal, no sentido de desestimular a prática de queimadas sem controle. Por outro lado, também houve o início de um marco regulatório, com o objetivo de incentivar o uso do manejo integrado do fogo como alternativa de utilização do fogo na região.

2. Quais os principais impactos das queimadas para o Pantanal e outros biomas do estado?

O Pantanal é um sistema dependente do fogo. É claro que existem áreas mais sensíveis, mas, de maneira geral, trata-se de um bioma que necessita tanto do fogo quanto da inundação para que os processos ecológicos ocorram.

O que acontece é que, eventualmente, ocorrem eventos de fogo catastróficos, como incêndios no meio da estação seca, que atingem grandes áreas. Esse tipo de fogo não é benéfico, pois provoca prejuízos significativos: grandes extensões queimadas, morte de animais,

perda de árvores, além de impactos econômicos, como destruição de pastagens e de infraestrutura das fazendas, e ameaça às comunidades ribeirinhas. Há também diversos problemas de saúde associados.

Portanto, as queimadas descontroladas são um problema, mas o fogo não pode ser retirado do sistema do Pantanal, pois faz parte de sua ecologia.

3. De que maneira as queimadas afetam a saúde da população?

Os estudos que temos realizado e publicado demonstram que o material particulado presente na atmosfera durante eventos intensos de queima, como ocorreu em 2020, agrava problemas respiratórios, especialmente em crianças e idosos. Essas duas faixas etárias tendem a apresentar aumento no número de internações hospitalares por problemas respiratórios.

4. Como a sociedade civil, o setor produtivo, as universidades e as instituições públicas e privadas podem atuar no enfrentamento do problema?

A sociedade civil e as universidades, no caso específico da nossa universidade (UFMS), têm atuado no desenvolvimento de pesquisas para compreender como o fogo funciona no sistema, como varia a inflamabilidade da vegetação, como o fogo se propaga e quais são seus impactos na flora e na fauna. Esses estudos também contribuem para dar segurança jurídica aos órgãos responsáveis pelo licenciamento do uso do fogo na região.

É importante que a população se informe sobre o que é o fogo e em quais situações ele é benéfico ou prejudicial ao meio ambiente. É fundamental que haja clareza sobre essas características. Como o Pantanal é um sistema dependente do fogo, nem todo fogo é prejudicial.

O fogo de baixa intensidade, em áreas circunscritas, pode ser benéfico. Outro ponto relevante é que, no Pantanal, o uso do fogo está geralmente associado à pecuária. Os produtores utilizam o pasto nativo como fonte de alimentação para o gado, e esse pasto corresponde à própria biodiversidade do Pantanal. Trata-se de plantas nativas que, ao se tornarem muito fibrosas, podem exigir o uso do fogo para que o gado consiga consumi-las.

Assim, quem utiliza o fogo no Pantanal, de certa forma, contribui para a preservação da biodiversidade, ao manter o uso do pasto nativo. Já quem utiliza pasto cultivado, em geral, não precisa do fogo, mas substitui a vegetação nativa por espécies exóticas. Desse modo, do ponto de vista da conservação, o uso do fogo pode estar alinhado à preservação, desde que seja feito de maneira ordenada e planejada.

5. Como campanhas de conscientização, como a “Fogo Zero”, podem ajudar na redução das queimadas? Que outras medidas seriam importantes?

As campanhas de conscientização, ao evidenciarem os riscos do uso do fogo, são importantes. No entanto, é igualmente relevante que não se restrinjam apenas à ideia de “Fogo Zero”, no sentido de eliminar completamente o uso do fogo, mas que também apresentem a alternativa do manejo integrado do fogo.

Já existe regulamentação, tanto estadual quanto federal, que permite o uso do fogo como forma de manejo da paisagem. Portanto, além de campanhas como a “Fogo Zero”, é importante promover iniciativas que demonstrem que o fogo pode ser utilizado de maneira criteriosa na paisagem pantaneira.